



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE- CES  
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAEM - UAENF

ADILMA DA CUNHA CAVALCANTI

**“OS OLHOS VÊM E O CORAÇÃO SENTE”**: desvelando a violência contra LGBT.

Cuité-PB, 20 de Fevereiro de 2018

ADILMA DA CUNHA CAVALCANTI

**“OS OLHOS VÊEM E O CORAÇÃO SENTE”**: Desvelando a violência contra LGBT.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Alynne Mendonça Saraiva

Cuité-PB, 20 de Fevereiro de 2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

C376u Cavalcanti, Adilma da Cunha.

"Os olhos vêem e o coração sente": desvelando a violência contra LGBT. / Adilma da Cunha Cavalcanti. – Cuité: CES, 2018.

46 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Enfermagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2018.

Orientadora: Alynne Medonça Saraiva.

1. Homossexualidade. 2. Homofobia. 3. Saúde mental. 4. Cuidados de enfermagem. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

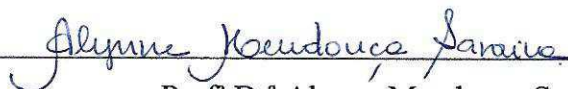
CDU 613.885

ADILMA DA CUNHA CAVALCANTI

“OS OLHOS VÊEM E O CORAÇÃO SENTE”: Desvelando a violência contra LGBT.

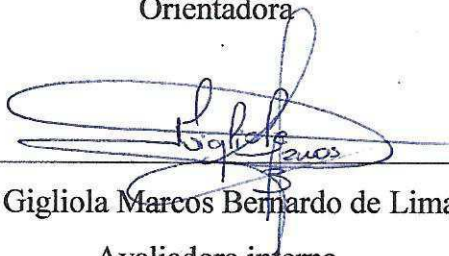
Apresentada e aprovada em: 20 / 02 / 18

**BANCA EXAMINADORA**



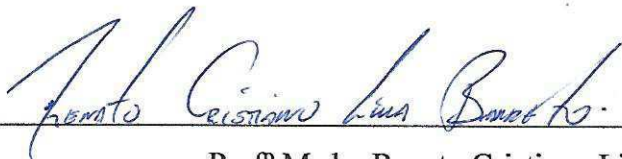
Profª Drª Alynne Mendonça Saraiva- UFCG

Orientadora



Profª Drª Gigliola Marcos Bernardo de Lima-UFCG

Avaliadora interna



Profº Msdo. Renato Cristiano Lima Barreto- UFPB

Avaliador externo

Cuité- PB, 20 de Fevereiro de 2018

À Deus, que me deu a vida, guiou meus pensamentos, atitudes, cuidou de minhas aflições, foi Pai de misericórdia divina, e graças ao Espírito Santo, concluo esta etapa.

À minha linda família, pelo apoio, companheirismo, força, ajuda financeira, conselhos. Tenho a plena consciência que sem vocês não chegaria até aqui.

A minha linda orientadora, dona de um coração enorme, atenciosa, e paciente, ao qual terei eterna gratidão. Obrigada!

## AGRADECIMENTOS

*À meu Deus, pai e criador, por ter me proporcionado a vivência em um curso superior; por me amparar nos momentos de desespero; por mostrar as melhores soluções; por ser meu Pai criador, na dor e na alegria, em todos os dias, em todas as horas.*

*Aos meus amores: Querida mamãe **Maria Regina Ferreira** e Querido papai **Adauto Cavalcanti**, por estar do meu lado todos esses anos. Agradeço por me abraçar em todos os momentos difíceis, por sempre buscarem soluções para meus problemas. Digo sem medo, que todos os conselhos foram os melhores. Apesar dos momentos difíceis, estou finalizando esta etapa, e serei grata eternamente a vocês! Obrigada meus amores por tudo! Sou orgulhosa de serem meus pais, e a partir de agora, desejo a oportunidade de contribuir para a melhor qualidade de vida de vocês. Amo vocês!*

*A minha família: Meu Falecido vôzinho **Antônio Ferreira**, homem batalhador, agricultor, humilde, dono de um coração enorme! Não poderia deixar de lembrá-lo; A minha querida vizinha **Regina Josefa**, que sempre me ajudou, da maneira que pode e assim, agradeço pelos conselhos, e orações, por ser minha avó. Amo você eternamente.*

*As minhas irmãs, **Maria Tereza**, **Alexandra Cavalcanti**, **Adenilda Cavalcanti**, **Anatalina Cavalcanti**, minha cunhada, **Patrícia Melo**, e ao meu querido irmão **Alessandro Cavalcanti**, por terem me acompanhado e me ajudado sempre, cada um com sua forma de contribuir para que a realização de meu sonho fosse possível. Obrigada por fazerem nossa família linda e unida. Obrigada por cada pedacinho de contribuição, amor, companheirismo, conselho que cada um me deu, garanto que sem vocês também não conseguiria. Muito obrigada meus amores.*

*A minhas amigas **Edinária Fernandes**, **Lília Nascimento**, **Larissa Oliveira**, **Rízocele Silva**, **Micileny Torres**, **Bruna Mendes**,*

*Miriam Maria, Fábria Letícia... , eternamente agradecida pelos momentos de acolhimento! Foram momentos ruins, e momentos bons. Momentos estes ao qual me acolheram de braços abertos, sempre com palavras de carinho, e amor no coração, e como a música diz: " Amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves". Obrigada por sempre se fazerem presentes, durante estes anos, sei o quanto pude e posso contar com vocês.*

*A minhas tias Carma Ferreira e Lourdes Ferreira por sempre me apoiarem e ajudarem; As minhas primas Andressa, Sheila, Camila e Tatiane por me acolherem. Obrigada por cada momento de otimismo, força!*

*Ao meu querido professor Renato Barreto, ao qual devo muito. Sou grata eternamente pela paciência, pelas orientações, oportunidades, compartilhamento de seu conhecimento, amizade. Obrigada por contribuir para meu crescimento na vida acadêmica e profissional.*

*Ao meu querido namorado Jordan Aaron. Dizem que amar é ter o sentimento de satisfação. Obrigada por proporcionar este sentimento, obrigada por estar comigo nos momentos tristes e felizes, por sempre tentar solucionar os problemas da melhor forma, com maturidade, e sabedoria. Você foi um anjinho de luz na minha vida.*

*A minha linda orientadora, Prof<sup>a</sup> Alynne Mendonça Saraiva mulher dona de um coração sem igual, humilde, paciente, dentre outras mil qualidades, ao qual é difícil de descrever. Obrigada pela paciência de me guiar durante a construção deste trabalho, me aconselhar, você foi mais que uma orientadora, sempre me ouvindo. Desejo que sua vida seja muito abençoada, você tenha muito sucesso, seja muito feliz! Desejo tudo de maravilhoso do fundo do coração. Parabéns por ser essa joia de pessoa! Obrigada por não ter desistido de mim, e ter me ajudado sempre! Será uma página marcada em minha história, sei que sem você não conseguiria chegar até aqui.*

*Aos participantes do Grupo pela livre orientação sexual - GLOS, que me acolheram, e se disponibilizam a relatar suas histórias, ao qual deu vida ao meu trabalho. Sou grata @ vocês por tudo.*



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Perfil dos participantes da pesquisa.....	23
---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Tipologia da violência sofrida pelos participantes.....	24
--	----

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CEPE- Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem

GLOS- Grupo pela Livre Orientação Sexual

IBGE- Instituto Brasileiro de geografia e Estatística

LGBT´S- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	13
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	17
2.1 <i>Abordagem e tipo de pesquisa</i> .....	18
2.2 <i>Local da pesquisa</i> .....	18
2.3 <i>Participantes do estudo</i> .....	19
2.4 <i>Coleta e análise de material</i> .....	19
2.5 <i>Considerações éticas</i> .....	20
2.6 <i>Riscos e benefícios</i> .....	20
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	21
3.1 <i>Categoria I: Da escola ao trabalho: a violência presente em diferentes tempos e espaços</i> .....	26
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
<b>APÊNDICES</b> .....	39
<b>ANEXOS</b> .....	41

## RESUMO

Nos últimos anos a violência contra homossexuais aumentou drasticamente. Atualmente no Brasil é possível observar um processo de mudanças, no qual as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo ganharam maior visibilidade e vêm causando grande repercussão entre a população. O presente trabalho teve como objetivo caracterizar a violência sofrida pelas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti e Transexuais (LGBT) na região do curimatau Paraibano. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva, exploratória, o material colhido por meio das entrevistas foi realizada na cidade de Cuité-PB, onde foram entrevistados 10 participantes, do Grupo Pela Livre Orientação Sexual, as entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas conforme a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin: 1- pré-análise, 2- exploração do material e 3- processo de análise do conteúdo, ao qual deu origem a categoria: *Da escola ao trabalho: A violência presente em diferentes tempos e espaços*. Os dados dessa pesquisa apontam resultados relacionados à violência de gênero na região do Curimatau paraibano, importante ressaltar que não foram encontrados estudos que abordassem os tipos de violência sofrida pela população LGBT nessa região. Os resultados desta pesquisa apontam que a violência psicológica é a maior causa de problemas psíquicos, seguida da violência institucional, intrafamiliar e física, sendo as violências patrimoniais e conjugais, também causadoras de problemas mentais, porém não relatadas nessa pesquisa em maiores detalhes. Afirma-se também nesta pesquisa, que problemas psíquicos como depressão, ansiedade, pensamento suicida/suicídio, são transtornos mentais graves, ao qual surgem, após as vítimas sofrerem violência.

**Palavras-Chave: Homossexualidade. Homofobia. Violência. Saúde mental. Cuidados de Enfermagem.**

## **ABSTRACT**

In recent years, violence against homosexuals has increased dramatically. Nowadays, not only in Brazil, it is possible to observe a process of changes, without qualities as affective relations between people of the same sex gained more visibility and have been causing great repercussion among a population. In this context, the objective of this study was to characterize the violence suffered by Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite and Transsexual, in the region of the Paraíba Curimeteira. This is a qualitative research of the descriptive, exploratory type, the material collected through the interviews, held in the city of Cuité-PB, where 10 participants were interviewed, Group For Free Sexual Orientation, as interviews with transcribed and analyzed more according to Laurence Bardin's content analysis technique: 1-pre-analysis, 2-exploration of the material and 3 content analysis process, from which the category originates: From school to work: Violence present at different times and spaces. The research data are the results found in all genera in the Curimeteira region of Paraíba, since they were not found. Strategies of violence varied by the LGBT population in this region. The results of this research are a major cause of psychic problems, critical, intrafamily and physical violence, being as patrimonial and marital violence, also causing mental problems, but not reported research in more detail. This research also states that psychic problems such as depression, anxiety, mutilations, suicidal thoughts / suicide are serious mental disorders, to which they arise, after victims suffer violence.

**Keywords:** Homosexuality. Homophobia. Violence. Mental health. Nursing care.

## *1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS*

Nos últimos anos a violência contra homossexuais aumentou drasticamente. Atualmente, no Brasil, é possível observar um processo de mudanças, no qual as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo ganharam maior visibilidade e vêm causando grande repercussão entre a população. A violência contra pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBT'S) vem se tornando cada vez mais constante, seja sob forma de agressões verbais, não-verbais, físicas ou sexuais (ANTÓNIO., et al, 2012).

Antonio (2012) explica que as mudanças ocorridas ao longo das décadas, principalmente nas relações de afetividade contribuíram para o preconceito sexual, o que tem levado pessoas a sofrerem, afetando diretamente no nível de bem-estar, emocional e a saúde das vítimas. A partir disto surge uma dificuldade em compreender as novas relações que envolvem sexo e gênero, contribuindo para a chamada violência de gênero, fazendo com que o preconceito se estenda para o âmbito social, cultural e político, provocando aversão e ódio, impondo assim que a heterossexualidade seja uma norma.

Dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos revelam, que o grupo LGBT é considerado uma população vulnerável. A violência contra estas pessoas passou a ser um problema de repercussão mundial, visto que viola os direitos humanos. Várias formas de violências são praticadas com grande frequência, seja em um ambiente domiciliar ou social. Os atos violentos ainda são compartilhados em diversos meios de comunicação, a exemplo das redes sociais, o que expõe ainda mais a condição de vulnerabilidade (BRASIL, 2013, 2012).

A homofobia passa então a ser entendida como o preconceito ou discriminação, como também, o termo pode ser utilizado para caracterizar todos os tipos de violência praticados contra pessoas com orientação sexual/ou identidade de gênero presumidas, isso implica dizer que qualquer orientação sexual que fuja do padrão heteronormativo vigente, poderá ser vítima de algum tipo de violência de gênero (ALBUQUERQUE., et.al, 2016).

Queiroz (2014) ressalta ainda que não se pode estipular causas ou fatores que possam ser considerados geradores da violência de gênero. Porém, as diversas formas de preconceito às pessoas LGBT, geralmente, são praticados por aqueles (as) que se dizem heterossexuais, e isso acaba por provocar a violência, seja ela física, verbal ou simbólica, contribuindo também para que Lésbicas, Gays, bissexuais, travestis, transexuais sejam excluídos. Algumas dessas pessoas não conseguem nem oportunidade de emprego, devido ao preconceito imposto pelos cisgêneros/heterossexuais, que abominam outros tipos de relações que não a heterossexualidade/heteronormatividade (PAGLIARI; PIBER, 2016).

Outros fatores se relacionam com a violência de gênero, a exemplo: raça/etnia, escolaridade e classe social. A não aceitação de outras formas de representação de gênero também é considerada como fator predisponente. Assim, grande parte da sociedade acredita



que pessoas homoafetivas são diretamente culpadas pela transmissão de algumas doenças relacionadas a prática sexual, devido aos “comportamentos desviantes” do que seria moralmente correto (PAGLIARI; PIBER, 2016).

Estes fatos contribuíram para que muitas pessoas que não seguem a heterossexualidade fossem vítimas de opressão, não podendo andar de mãos dadas, nem demonstrar afetos em público por suas parceiras/parceiros. Quando pessoas homossexuais resolvem assumir tais atos, geralmente são vítimas de violência (PAGLIARI; PIBER, 2016).

Dados mostrados por Luz (2011) afirmam que 500.000 homossexuais sofreram abuso ou algum tipo de violência seja por parceiros, amigos, familiares ou desconhecidos. Tal fato indica também que a violência é o terceiro indicador na escala de riscos à saúde dessas pessoas.

Diante disso, vítimas de violência de gênero passam a apresentar baixos níveis de autoestima, sociabilidade e infelicidade, pior desempenho no trabalho, na escola, dentre outros. Apresentam autoimagem e uma auto-avaliação negativa de si, altos níveis de ansiedade, contribuindo para o isolamento social e depressão. Nos casos mais graves as vítimas LGBT'S podem apresentar maior tendência para a automutilação e tentativas de suicídio, indicando que essas pessoas possuem maior chance de terem sintomas depressivos do que pessoas heterossexuais. Tal fato além de indicar sofrimento mental, contribui para a elevação da vulnerabilidade deste grupo (ANTONIO., et al, 2012).

Em um relatório de violência de gênero no Brasil no ano de 2013, considerado o mais recentemente divulgado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, foi descrito 3.398 denúncias pelo “Disque 100” envolvendo pessoas consideradas LGBT'S. Destas, 1.906 eram vítimas de outros LGBT'S.

Destas denúncias 40,1% envolviam relatos sobre violência psicológica; 36,4% sobre discriminação e 36,4 % sobre violência física. Porém, apesar do alto número de denúncias, houve uma queda de 44,1% entre o ano de 2012 e 2013 segundo último registro divulgado. Diante disto, viu-se também, que o estado da Paraíba se encontrava em 5º lugar entre o número de denúncias de violência praticada contra este grupo, com uma porcentagem de 6,8% (BRASIL, 2012; BRASIL, 2013).

Os números apontam um grave quadro de violência contra LGBT'S no Brasil. Mesmo havendo uma diminuição desses números quando comparado ao último registro, ainda é preocupante visto que, as agressões, os danos, lesões, traumas e mortes, que são causadas por tais atos agressivos, contribuem para o surgimento e agravamento de transtornos psíquicos e problemas de cunho social (BRASIL, 2013).

O impacto na saúde torna-se evidente por meio do aumento de gastos com emergência, assistência e reabilitação, o que passa a ser mais custoso que alguns procedimentos médicos convencionais. É importante ressaltar que em muitos serviços de saúde a população LGBT também sofre com a violência, como por exemplo: ambulatórios criados para atender especificamente a população LGBT (ALENCAR; ALVEZ; PARENTE, 2016).

Frisa-se assim que, além de procedimentos de emergências, as vítimas necessitam de outros atendimentos específicos que possam identificar outros agravos à saúde, como sorologias para HIV, HBV, VDRL, acompanhamento psiquiátrico, entre outros. Para isso é necessária uma abordagem multiprofissional, porém, atualmente, isso se configura como um desafio nos serviços públicos de saúde, visto que não há profissionais suficientemente preparados para lidar com as diversas situações as quais este público está sujeito (ALENCAR; ALVES; PARENTE, 2016).

O interesse pela temática surgiu com a disciplina de Antropologia da Saúde ofertada pelo curso de bacharelado em enfermagem, na Universidade Federal de Campina Grande, a partir da construção de um seminário intitulado “Assistência à saúde as diversas culturas” dentre estas a população LGBT. A partir disso e no decorrer do curso me deparei com outras temáticas que também envolviam tal população. Foi então que percebi que as produções científicas envolvendo a homossexualidade e gênero, no âmbito da enfermagem, são escassas e que se faz urgente à necessidade de pesquisas que abordem essa temática, visto que é um problema de Saúde Pública. Somente conhecendo, amparando e cuidando das vítimas de violência a enfermagem poderá atuar de maneira a combatê-la.

Esse estudo tem como justificativa o aumento dos casos de violência contra LGBT no Brasil e a importância de se caracterizar essa violência na região da Paraíba, mais especificamente na região do curimatau paraibano, para subsidiar ações voltadas ao combate dessas práticas negativas, bem como, favorecer acolhimento da vítima. Sabendo destes pontos, essa pesquisa poderá auxiliar em ações voltadas para sensibilização dos profissionais de saúde no amparo a essa população. Além de servir como referência para a comunidade científica, em especial o centro de educação e saúde da UFGC, que vem formando profissionais da enfermagem cada vez mais preocupados com o aspecto da humanização

Nesse sentido levantou-se a seguinte questão norteadora desta pesquisa: Quais os tipos de violência praticados contra a população LGBT? Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo caracterizar a violência sofrida pelas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti e Transexuais no curimatau paraibano.

*2 PERCURSO METODOLÓGICO*

## *2.1 Abordagem e tipo de pesquisa*

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva exploratória. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. O objeto da pesquisa qualitativa raramente é mostrado em números, ou seja, não necessita o uso de técnicas ou métodos estatísticos. As interpretações das situações dependem exclusivamente da atribuição de significados, sendo fundamental no processo da pesquisa com essa abordagem. O ambiente natural é considerado a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é considerado o instrumento-chave (KAUARK, 2010).

A pesquisa descritiva tem o objetivo principal descrever as principais características de uma determinada população, fenômeno, ou ainda estabelecer relações entre variáveis. Assim uma das características mais significativas desta pesquisa é a padronização de coleta do material, que favorece uma visão sistemática do problema. Já a pesquisa exploratória tem a finalidade de desenvolver, esclarecer, modificar conceitos, e também ideias. Esta permite uma maior proximidade com o problema, visa o levantamento de hipóteses, tendo como objetivo proporcionar uma visão geral acerca do determinado fato e por fim aprimorar as ideias (SANTOS, 2011).

## *2.2 Local da pesquisa*

O local de escolha para a realização da pesquisa foi o Grupo de Apoio intitulado: “GLOS- Grupo pela Livre Orientação Sexual”, localizado na cidade de Cuité, no estado da Paraíba, situado na microrregião do curimataú ocidental paraibano. De acordo com o Instituto Brasileiro de geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2015 sua população foi estimada em 20.325 habitantes, com área territorial de 741,840 km<sup>2</sup>, sendo sede da 4<sup>a</sup> Região Geo-administrativa do estado da Paraíba, e estando localizada a 235 km da capital do estado, João Pessoa.

O grupo “GLOS” é considerado uma rede de apoio ainda não institucionalizada, que é destinada à população LGBT. O grupo existe desde 14 de maio de 2013, proporcionando aos seus integrantes um ambiente de aceitação e acolhimento. Há em média, 20 pessoas associadas, dentre essas a maioria é homossexual do sexo masculino. Para realização dos encontros e reuniões, o grupo ainda não possui uma sede específica, sendo assim, os encontros ocorrem na

casa de um dos membros, com frequência bimestral, para diálogos sobre acontecimentos voltados a causa, bem como, possíveis realizações de eventos que ampliem as discussões a respeito da temática.

### *2.3 Participantes do estudo*

Teve-se como critério de inclusão: Participantes da pesquisa com idade maior que 18 anos, que tivessem vivenciado algum tipo de violência e que fossem membros do grupo de apoio “GLOS”. A pesquisa foi composta por 10 pessoas, que foram representadas nesse estudo pelo nome de seu signo, informado pelos participantes e para que assim pudesse ser preservado o seu anonimato.

### *2.4 Coleta e análise de material*

Para a realização da pesquisa foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada. A entrevista teve como foco principal as formas de violência vivenciadas pela população LGBT. Inicialmente foi feito antes um convite aos participantes do grupo de apoio. Em seguida foi explicado os objetivos da pesquisa e explicado que as respostas gravadas em áudio seriam posteriormente transcritas garantindo o anonimato. As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade de cada participante.

Antes da entrevista foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), o qual afirma assegurar o participante de seus direitos. Além disso, foi repassada a cada participante a tipologia da violência descrita na legislação brasileira.

Desta forma o material que foi colhido por meio das entrevistas gravadas foi transcrito e posteriormente analisado, conforme a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011) apud Câmara (2013), que prevê três fases fundamentais:

Fase 1- Pré-análise: Considerada fase de organização, nesta foi estabelecido um esquema de trabalho, e atividades bem definidas. Esta envolve uma primeira leitura, ou seja, primeiro contato com o documento, escolha do material utilizado e elaboração de indicadores que posteriormente serão submetidos à análise.

Fase 2- Exploração do material: nesta etapa foram selecionadas as unidades de registro, a seleção de regras de contagem a classificação e agregação - rubricas ou classes que reúnem um grupo. Nesta fase foi utilizada a exploração do material, em todo material transcrito foi utilizado códigos de identificação, dentre outros meios de sigilo.

Fase 3- Processo de análise do conteúdo, ou seja, tratamento dos resultados, denominada a fase do tratamento dos resultados, onde acontece a interferência e interpretação.

É nesta etapa que a interpretação deverá ir além do conteúdo manifesto apresentado no documento, interessando ao pesquisador o conteúdo latente.

## *2.5 Considerações éticas*

Esta pesquisa seguiu os critérios estabelecidos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, ao qual respalda as pesquisas com seres humanos e o Código de ética dos profissionais de enfermagem- (CEPE) 311/2007. Tratou-se de um recorte do projeto de pesquisa: (Qualquer maneira de amor vale a pena: Histórias de homossexuais e suas vivências familiares), orientado por Alynne Mendonça Saraiva, aprovado no dia 03 de Dezembro de 2016, pelo Comitê de ética e Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro sob parecer 1.912.740 e CAAE: 62646716.6.0000.518.

A finalidade do projeto foi explicada aos participantes, logo em seguida foi informado também aos participantes sobre o anonimato e sigilo das informações, como também sobre a desistência da colaboração, visto que todas estas informações estão garantidas pelo Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi fornecido no dia da entrevista, em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador.

## *2.6 Riscos e benefícios*

Os possíveis riscos eram quanto a identificação do participante, o que poderia constranger ainda mais o mesmo, por isso antes da entrevista o codinome foi escolhido pelo próprio participante, ao qual foi utilizando somente o pseudônimo escolhido durante a entrevista. Cuidados foram tomados, visto que em algum momento poderia haver constrangimento ou desconforto, por algum comentário ou pergunta não bem formulada, porém, todos os cuidados foram tomados a fim de evitá-los.

Como benefícios, acreditamos que essa pesquisa poderá expandir o conhecimento sobre a temática, além de subsidiar o conhecimento teórico-prático dos profissionais, bem como dos estudantes, e assim buscar uma melhoria no cuidado ao público LGBT nos serviços de saúde.

### *3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS*

Participaram do estudo dez pessoas do “Grupo pela livre orientação Sexual- GLOS”, todos do sexo biológico masculino, mas que se consideravam homossexuais. A partir do levantamento da entrevista foi possível traçar um perfil dos participantes por meio das variáveis: Idade; Religião; Estado civil; Escolaridade e também os tipos de violência que os mesmos sofreram.

**QUADRO 1. PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

CODINOME	IDADE	RELIGIÃO	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	TIPO/VIOÊNCIA
VIRGEM- A	40	Inespecífica	Solteiro	Fundamental Incompleto	Física Psicológica/Moral Patrimonial Conjugal Institucional
GÊMEOS	42	Católico	Solteiro	Superior Completo	Física; psicológica Moral
SAGITÁRIO A	33	Católico	Solteiro	Médio Completo	Física Psicológica Moral
ÁRIES	45	Católico	Solteiro	Superior Incompleto	Psicológica Moral Patrimonial intrafamiliar Doméstica Institucional
CAPRICÓRNIO	33	Inespecífica	Solteiro	Médio Completo	Psicológica Moral
SAGITÁRIO B	31	Católico	Solteiro	Médio Completo	Psicológica Moral Intrafamiliar Doméstica; Institucional
VIRGEM B	31	Católico	Solteiro	Fundamental Completo	Nenhuma
PEIXE	30	Católico	Solteiro	Médio Completo	Psicológica Moral
AQUÁRIO	47	Católico	Solteiro	Médio Completo	Psicológica Moral
SAGITÁRIO	31	Católico	Solteiro	Superior Completo	Psicológica Moral Intrafamiliar Doméstica Institucional

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Dentre os entrevistados a faixa etária foi dos 30 aos 47 anos, todos se declararam solteiros. Quanto à religião 2% (2) referiram não ter religião específica e 80% (8) relataram ser católicos.



Quanto a escolaridade observou-se que 10% (1) referiu ter cursado o ensino fundamental incompleto; 10% (1) informou ter o ensino fundamental; 50% (5) cursaram por completo o ensino médio; 20% (2) relataram ter cursado o ensino superior completo e 10% (1) informou não ter completado o ensino superior.

A grande maioria dos participantes referiu ter sofrido mais de um tipo de violência. Destes, 90% (9) relataram ter sofrido a violência psicológica/moral; 40% (4) violência institucional; 30% (3) violência física; 30% (3) violência intrafamiliar/doméstica; 20% (2) violência patrimonial; 10% (1) violência conjugal e apenas 10% (1) informou não ter sofrido nenhum tipo de violência, fato este que pode estar relacionado a naturalização da violência na vida dessas pessoas. Tais dados estão melhores ilustrados no gráfico abaixo.

**GRÁFICO 1: TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELOS PARTICIPANTES**



**Fonte: Dados da pesquisa (2017)**

Visualiza-se a violência psicológica em maior prevalência entre os entrevistados, seguida da institucional, intrafamiliar e física. Porém, observou-se em um menor número, relatos da patrimonial e conjugal. Vale ressaltar que entre os tipos de violência abordados nos artigos que envolvem a população LGBT, as agressões psíquicas e físicas geralmente são as mais citadas.

É relevante saber que as regiões Nortes e Nordeste se encontram entre os primeiros lugares nos casos de violência de gênero, sendo que a região Nordeste, nos últimos anos, entre 2013 a 2016, teve uma redução dos casos de LGBTcídios. O estado da Paraíba saiu do 5º lugar nos últimos anos, chegando, em 2016, ao 10º lugar, porém ainda apresenta casos de grande preocupação para o Ministério Público (GGB, 2016).

Outro estudo realizado no Estado do Ceará evidenciou que a violência psicológica entre a população LGBT está em maior prevalência. O estudo foi realizado com 316 pessoas desse grupo e mostrou que 249 sujeitos já sofreram, alguma vez na vida, violência psicológica, muitas

vezes praticada dentro da própria casa, mas de forma predominantemente pior nos espaços públicos (ALBUQUERQUE, 2016). De acordo com o relatório de violência de gênero no Brasil algumas formas mais prevalentes de violência psicológica, são: humilhações (35,32%), hostilizações (32,27%) e ameaças (15,78%) (BRASIL, 2013).

O principal fator gerador da violência psíquica é o preconceito! Este vem sendo manifestando por agressões, sejam verbais ou não, através de palavras ofensivas/desqualificação do sujeito, gestos, sentimentos de ódio, agressão física, dentre outras. Essas manifestações de hostilidade atingem diretamente a autoestima e os direitos das vítimas, contribuindo para o abalo emocional e levando-as a desenvolverem problemas psíquicos, como depressão, ansiedade, pensamentos suicida/suicídio e mutilações (EFREM FILHO, 2016).

Segundo Albuquerque (2016) a comunidade LGBT apresenta problemas psicológicos diariamente, por ser um grupo predominantemente marginalizado e que é cotidianamente confrontado com o padrão heteronormativo imposto pela sociedade. Isso pode influenciar diretamente essas pessoas ao consumo de álcool e drogas, como uma forma de amenizar o sofrimento ou buscar uma saída para a realidade em que vivem.

Foi observado também nessa pesquisa, que a violência institucional é bastante praticada, estando ainda relacionada à violência psicológica, pois, a mesma interfere no usufruto das habilidades, conhecimentos, e principalmente na prática da cidadania. A violência institucional é aquela provocada dentro das instituições, principalmente de trabalho, no atendimento público e em outros serviços ao qual envolve uma instituição. Esses espaços que deveriam ser locais de produção social e de identidade, muitas vezes, são os primeiros a disseminar o preconceito e a injustiça (QUEIROZ, 2014).

Observou-se também, nesta pesquisa, que a violência no âmbito familiar ainda é frequente. Segundo Soliva (2010) quando a homossexualidade é descoberta por membros do grupo familiar, o acolhimento é muito difícil, pode gerar graves problemas para a vítima, pois fragiliza as relações interpessoais e dificulta a aceitação pessoal. Após isso surgem as violências, agressões verbais, físicas, o medo e desilusões. Comportamentos e sentimentos que podem estar relacionados as próprias dificuldades dos pais em lidar com suas frustrações.

Queiroz (2014) define a violência intrafamiliar/doméstica como aquela que é praticada no lar e, na grande maioria, pelo sexo masculino. Apesar desse tipo de violência ter sido citada nessa pesquisa, não há estudos que comprovem sua prevalência no Brasil, ou no estado da Paraíba, visto que ainda não existe um sistema de notificação para os casos, ou pesquisas que abordem este tipo de violência com maior profundidade.

A violência conjugal, também apontada nesse estudo, não apenas acontece em relações entre casais que moram no mesmo domicílio, mas, entre companheiros, sejam eles namorados,

noivos ou qualquer coisa do tipo que envolva um vínculo amoroso. Esse tipo de violência foi pouco abordada em pesquisas envolvendo a população LGBT.

Outro dado relevante nesse estudo, é que a violência física não foi a mais retratada pelos participantes, embora a maioria dos estudos aponte como sendo frequente entre as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Porém vale salientar que os casos de violência física, geralmente provocados por atos de crueldade e marginalidade, são marcantes e considerados aterrorizantes, tanto para as vítimas, como para os familiares e sociedade, causando além das marcas no corpo, sofrimento psíquico.

Pesquisas realizadas pelo Grupo Gay da Bahia no ano de 2016, informam que a violência física está entre umas das mais praticadas, não apresentando estudos que comprovem que a violência institucional, intrafamiliar, seriam também consideradas de maior preocupação, embora, muitas vezes, sejam consideradas antecessoras da violência física.

Assim, o último relatório feito pelo Grupo Gay da Bahia (2016) informou que 343 LGBT'S foram assassinados no ano de 2016, levando o Brasil a ser considerado o país que mais mata pessoas de orientação sexual diferenciada nos últimos 37 anos. Tais mortes teriam sido ocasionadas pela violência física, através do uso de armas brancas e armas de fogo, além de enforcamento, pauladas, apedrejamento, queimaduras do corpo da vítima, dentre outras torturas.

Percebeu-se ainda que 20% dos entrevistados sofreram violência patrimonial, que é entendida como “qualquer ato que possa reter, subtrair ou destruir de forma parcial ou total os objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos da vítima (BRASIL, 2015). Importante ressaltar que não existem registros que mostrem como é a prevalência deste tipo de violência em meio a sociedade, visto que ainda, não há um sistema de notificação ou pesquisas que comprovem maiores dados.

Alguns dos entrevistados afirmam em suas falas que sofreram muitas repressões durante a infância, devido à forma de se comportar e ter preferências femininas. Essas vivências interferiram no aprendizado, na liberdade e na autoestima. Muitos relatam que sofreram bullying por muito tempo quando criança, e eram vítimas de xingamentos ofensivos. Também revelaram sofrer violência na rua e no próprio ambiente de trabalho. Essas agressões se manifestaram através de atos ofensivos, fatos estes, que repercutiram diretamente em suas vidas. Dessa forma para compreender e contextualizar essas experiências emergiu a seguinte categoria:

### 3.1 Categoria I: Da escola ao trabalho: a violência presente em diferentes tempos e espaços.

Os participantes desta pesquisa: **Sagitário A Capricórnio, Aquário e Sagitário C** afirmam que ainda hoje sofrem com as lembranças das violências vivenciadas na infância, e revelam um pouco dessa experiência que aconteceu quando tinham entre 10 a 18 anos.

*Quando eu era menor, na escola, sempre me diferenciei muitos dos meninos [...] eles foram começando a me xingar, e chegou ao extremo! Eu cheguei a apanhar mesmo na escola! Apanhar, de chegar em casa chorando! Sofri muito na infância... a época da escola, eu acho uma época muito difícil pra gente, por que nós somos tachados dentro da escola pelos apelidos: florzinha, mulherzinha, e por aí vai [...] aquilo era uma vergonha pra gente porque eu era muito pequeno na época minha mãe não sabia e ela vinha me perguntar e eu ter que responder é difícil... até hoje. (SAGITÁRIO A).*

*Geralmente foi na escola, na rua... eu tinha uns 12 anos. Eu passava e ficavam me chamando de viadinho e bichinha, esse tipo de coisa (CAPRICÓRNIO).*

*Porque na escola toda criança com orientação sexual diferente ela sofre violência. Na escola mesmo, quando descobrem, você é tachado por gayzinho, o viadinho né? Essas coisas.... Eu já passei por momentos assim de falarem: o fresquinho, gayzinho (AQUÁRIO).*

*Geralmente na escola! Eu era uma pessoa que sempre soube da minha orientação sexual, porém nunca achei necessário expor. O preconceito não era pelo fato de aparentar menina, porque eu nunca fui assim. Era bullying primeiro, pelo fato que você se autodenomina que faz parte de um grupo, então o grupo tende a lhe excluir, e a ter brincadeiras “fulano é viadinho, gay” (SAGITÁRIO C).*

Silva (2016) afirma que, desde cedo, as pessoas com orientação sexual diferenciada, se deparam com a violência de gênero em meio escolar. A faixa etária mais acometida, seria entre o fim da infância e início da adolescência, entre 8 e 12 anos. Muitas das vezes as crianças que praticam o bullying, não sabem a dimensão do constrangimento e agravo psicológico que causam para as outras crianças. Esses comportamentos preconceituosos podem ser frutos de observações e atitudes de familiares, pais, primos, avós, dentre outros, onde as crianças passam a reproduzi-los, conduzindo tais atos para a vida futura.

Como revelado nos discursos acima, os participantes referiram ouvir muitos xingamentos devido aos comportamentos e trejeitos femininos. Em nossa sociedade machista, para ser declarado homem, além de possuir genitália masculina, é preciso que os comportamentos sejam baseados nos padrões culturais estabelecidos, onde eles não podem apresentar quaisquer características consideradas femininas.

Ressalta-se a importância de estudantes de enfermagem abordarem durante visitas nas escolas, o bullying como prática da violência de gênero. Da mesma forma, os profissionais de saúde durante a execução de atividades educativas pelo Programa Saúde na Escola, abordarem

a temática, visto que pouco se é discutido, sobre a violência de gênero e seus agravos psicológicos, por serem pontos despercebidos em meio as ações de saúde nas escolas.

Em pesquisa realizada no estado do Mato Grosso do Sul, pode-se verificar que a violência psicológica é o principal tipo de violência sofrida por homossexuais. O fato dos homossexuais serem estereotipados como efeminados, doentes e frágeis, os tornam pessoas sujeitas a sofrerem violências diariamente em meio a uma sociedade preconceituosa. Fato este, que não afeta somente os homossexuais, mas a maioria das pessoas com orientação sexual diferente do padrão heteronormativo (GOMES, 2013; EFREM FILHO, 2016).

A expressão corporal de delicadeza, sensibilidade, é tida como justificativa por pessoas homofóbicas para praticarem atos de violência, com gestos, palavras e atitudes ofensivas contra o colega, como revelam as falas dos participantes acima, podendo ocasionar um sofrimento durante toda vida escolar, passando os agredidos a se afastarem, isolarem-se e sofrerem psicologicamente (SILVA, 2017).

Nos discursos acima observa-se que uma participante identificou que era vítima de bullying mesmo sem ter traços considerados femininos, mas só por ter comportamento diferenciado.

Mello (2017) refere que o bullying é considerado um fenômeno que pode ser identificado por meio de comportamentos agressivos, intencionais e frequentes, seja físico, verbal ou psicológico, e que são baseados na diferença de poder entre o agressor e a vítima, tais comportamentos levam as vítimas a desenvolverem problemas de saúde mental, considerados graves e de alto risco.

Vale salientar que tais atos violentos, intencionais, são repetidos em grande frequência, direcionado a pessoas consideradas fora da normatividade social. Esse tipo de violência geralmente tem início na infância e pode levar ao sofrimento e trazer repercussões negativas mesmo na fase adulta.

Silva (2016) explica que o bullying praticado contra pessoas que fogem do padrão heteronormativo, é um ato homofóbico, que apesar de na infância ser praticado principalmente na escola por crianças e adolescentes, é também praticado na rua, em casa, e que muitas das vezes, inocentemente, essas crianças sofrem uma opressão psicológica, e também sua integridade física é, frequentemente, atingida devido aos atos rebeldes, induzidos pelo bullying.

O autor supracitado afirma ainda que problemas de saúde que iniciam na infância, repercutem em outras fases da vida. Mesmo com os diálogos no ambiente escolar envolvendo a temática da homossexualidade, isto não tem sido suficiente para combater o preconceito. Requer ainda, transformações sócio-culturais, construção de um aparato jurídico que possa

resguardar as vítimas, políticas inclusivas de apoio à essa população, entre tantas mudanças necessárias.

Conforme visto no gráfico 1, alguns dos entrevistados relataram terem sofrido violência institucional, relacionada à sua orientação sexual. Evidenciaram ainda que esse tipo de violência atrapalhou na construção do sucesso profissional e sua cidadania.

*No trabalho sempre tem aquelas pessoas... como trabalho em serviço público, você tem atendimento ao público[...] se o atendimento não foi satisfatório, então ela vai procurar alguma forma de se livrar[...] então pra aquela pessoa realizar uma acusação ela lhe atinge né? “Por que é aquele gayzinho, é aquele fresco”. Você sempre é o alvo! [...] eu acho que é até impregnado na cultura, quando diz “aaa esse fresco, esse viado” então você sempre é o escape de alguém (ÁRIES).*

*Sempre fui afeminada, mas acredito que se eu fosse homossexual de menos trejeitos teria facilitado... Descobri uma personagem em mim, um personagem feminino, um “Dragqueen”, esta personagem acho que veio atrapalhar algumas oportunidades de emprego. O personagem acabou sendo um empecilho e eu passei por muita coisa dentro, durante, antes, depois para conseguir um emprego (SAGITÁRIO B).*

*Esta violência é mais complicada, se você não for uma pessoa forte fere o psicológico e você não consegue trabalhar. Uma vez fui impedido de dar aula a um aluno por eu ser gay, o pai revoltado pediu para que o diretor tirasse o aluno da sala de aula porque eu era gay, e ele tirou (SAGITÁRIO C).*

Nos relatos acima podemos perceber que a violência institucional se configurou por atos verbais com o intuito de humilhar. Segundo Zanella (2008) quando os xingamentos são direcionados a pessoas de orientação de sexual consideradas fora da normatividade social, estas tendem a sofrerem ainda mais. A autora ainda informa, que não ser macho como a sociedade impõe, pode gerar diferenças de poder, e respeito, e os xingamentos e apelidos acabam tornando-se mais fortes, que as habilidades profissionais, podendo interferir no ambiente de trabalho, e na vida destas pessoas.

Ferreira (2007) revela que existem duas visões relacionada a violência praticada contra os homossexuais no trabalho, podendo estar relacionada ao coming out, ou a “não sair do armário”. Pode-se entender que, uma pessoa homossexual, quando opta por assumir sua orientação sexual ou identidade, as relações no trabalho podem se modificar, entre colegas, supervisores e público atendente. Ou essas pessoas aceitam bem e tratam de forma respeitosa, ou criam situações de desconforto no ambiente de trabalho, e isso pode gerar a vítima, complicações interpessoais de grande repercussão.

Muitas vezes há um desconforto e uma aversão das pessoas em trabalhar no mesmo ambiente que alguém fora do padrão heteronormativo, sendo geradas situações de conflitos, prejudicando o crescimento profissional e relações interpessoais das vítimas, impedindo-os de exercerem a vida profissional como gostariam (FERREIRA, 2007).

Nesse sentido, revelar a orientação sexual para amigos, familiares e para a sociedade é uma decisão considerada arriscada para muitos e estigmatizadora, ao qual traz medo e vergonha. Como consequência, o medo da rejeição, preconceito e marginalização impedem as pessoas de viverem psicologicamente bem. O fato de uma pessoa se assumir como tal ou “sair do armário” ou “coming out”, ainda é uma decisão difícil para muitos, mesmo nos tempos atuais, conforme relatos desse estudo (GOMES, 2013; EFREM FILHO 2016).

Em outras falas, alguns entrevistados relatam atos brutais, movidos pelo ódio e preconceito praticados em diferentes espaços.

*Me deu um telefone com as duas mãos por trás! Fiquei surdo! Foram duas pancadas no ouvido. Minha vista escureceu, fiquei tonto, cai de joelhos e fui empurrado para o chão de vez! Levei um chute! Meu rosto estava pesado de tanta pancada que não conseguia pensar. Colocou o pé no meu peito, me pisou [...] dor não sentia mais. Levei outra pancada na nuca e outra pancada com barra de ferro na cabeça e na nuca... fiquei um mês na UTI, 14 dias em coma, meu rosto ficou com sangue pisado, todo arreventado (VIRGEM A).*

*La saindo de uma festa, e fui agredido fisicamente com um soco no rosto! Fiquei com a boca roxa e o olho também! Foi uma agressão totalmente gratuita. Nem se quer eu conhecia. Ele apenas relatou depois que me viu saindo sozinha e eu ia pra casa, e ele disse: ‘Não! Eu vou bater nele e pronto!’, me escolheu e eu fui a vítima (GÊMEOS).*

Brasil (2016) informa que, quando a violência física é praticada no meio doméstico, as vítimas tendem a morrer com o uso de objetos domésticos, já quando violentados na rua ou em outros ambientes, tendem a sofrerem pancadas, facadas, tiros, dentre outros. Tal violência também é praticada com frequência aos amantes de homossexuais, além de pessoas que se posicionam contra a homofobia, sendo tal tipo de violência mais praticado contra pessoas homoafetivas travestis e transexuais, seguido de gays, bissexuais.

Outro estudo feito por Texeira (2016) revela que a violência física se tornou uma situação endêmica que acomete com frequências pessoas com orientação sexual diferenciada. Explica que estes atos homofóbicos/ LGBTfobia estão relacionados há discriminação, visto que optar por uma orientação sexual diferente do que seria normalmente estabelecido pela sociedade e religião, é considerado por muitos motivos para serem estigmatizados, estereotipados e mortos através de atos brutais (MENEZES, 2017).

A agressão principalmente física ela se inicia muitas das vezes no meio familiar, tal fato faz com que pessoas agredidas por conta de sua orientação sexual sejam obrigadas a mudarem de vida, e a violência física passa a ser também em outros ambientes uma prática cotidiana. Muitas pessoas do grupo LGBT, como por exemplo, transexuais e travestis são agredidas e feridas, passam a ser alvo de violência, seja na família, na escola, em pontos de prostituição, espaços públicos, dentre outros. Sendo a violência simbólica a causa de maior violência física,

seguida de outras violências ao qual impõem um desafio de mudanças, culturais, sociais, como uma estratégia de evitar a violência (SOUZA, 2015).

Esta apesar de não ser aprofundada por pesquisadores, é possível ver através de relatos feitos nesta pesquisa o quanto é complicada para a família em aceitar a nova orientação sexual, muitas das vezes causando uma discórdia em meio ao lar, e também ocasionando outros tipos de violência a partir de uma. Assim é possível ver na fala de alguns dos entrevistados após relato sobre onde e como foi a violência, a desavença que ela causa as vítimas.

*[...] em uma discussão familiar eu não tinha nada a ver e terminava pra mim. Acaba sobrando pra você, que era o gayzinho da família (ÁRIES).*

*Esta questão é mais complicada, minha relação com meu pai nunca foi boa, desde criança, e isso já influencia, meu psicológico já foi afetado, hoje não é mais. Meu pai é muito perturbado em relação a isso [...] sempre arrumou uma maneira de não dá certo a relação, aí nunca teve uma relação mesmo, concreta, com paz. E com 18 anos tive que tomar uma decisão, eu disse! “ Eu vou embora ” e fui... voltei, passei um ano dentro de casa, não deu certo (SAGITÁRIO C).*

*Ela foi e hoje ainda é complicada! Hoje tenho 31 anos e ainda me deparo com esta violência, meu pai é muito machista, super grosso, desde a minha infância que eu sofro os maus tratos, e é assim, muita pressão, pressão esta que acaba não só ficando em mim, mas, o resto da família acaba sentindo e pagando, é o caso de minha mãe, que joga a culpa nela. Sofri insultos de baixo calão, não aceitou nem aceita até hoje a minha condição sexual (SAGITÁRIO B).*

As situações de violência dos depoentes deste estudo, revelam que a violência principalmente Intrafamiliar/Doméstica está interligada ao pai. Soliva (2010) mostra em seu estudo que a violência em seio familiar ela pode iniciar precocemente, principalmente quando crianças e adolescentes apresentam comportamentos diferentes do seu sexo. Sendo os principais precursores os pais, relações conflituosas são criadas, sendo o pai considerado o principal agressor, como pode-se observar nas falas de **Sagitário C** e **Sagitário B**.

Embora ainda os participantes desta pesquisa, tenham relatado sofrerem as violências patrimonial e conjugal, nenhum dos participantes revelou como vivenciou esse tipo de violência.

Embora esta pesquisa tenha se voltado para a violência vivenciada pela população LGBT, um dos entrevistados afirmou não ter sofrido violência. Atenta-se para este relato, as vezes isso está na dificuldade em que muitas pessoas têm em identificar a violência, assim sendo, tal informação é algo importante a se questionar, visto que a violência é engendrada pelo preconceito, ou seja, pelo que se entende como “diferente” ou fora da norma.

A violência é considerada de grande preocupação para a Organização Mundial de Saúde, devido as repercussões que a mesma pode causar, não apenas impactando na saúde, mas na forma de viver das vítimas. Assim, é importante dar visibilidade a essas pessoas e investir em



recursos humanos que possam estar amparando socialmente e juridicamente, para que se possa vislumbrar uma sociedade mais inclusiva e justa.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dados apresentam estudos recentes por parte do curso de bacharelado de enfermagem desta instituição, relacionados à violência de gênero na região. Importante ressaltar que não foram encontrados outros estudos que abordassem os tipos de violência sofrida pela população LGBT no curimatau paraibano.

Levando em consideração os dados encontrados, é preocupante o número de violência praticada contra a população LGBT. Visualiza-se a violência psicológica como a mais acometida a estas vítimas, seja ela ocasionada por linguagem verbal, não-verbal, ou como consequência de outros tipos de violência, visto que dificilmente uma vítima de violência não sofrerá uma opressão psicológica.

Observando os relatos dos participantes, além da violência trazer sofrimento psíquico, é possível notar que ela impede, na maioria das vezes, que essas pessoas possam seguir suas vidas comumente, trazendo repercussões não apenas físicas e psíquicas, mas de cunho social, como a dificuldade de emprego, dificuldade no trabalho, no convívio em casa e com amigos.

Percebeu-se também que apesar de haver nos dias atuais, um debate sobre a diferença de gênero nas escolas, na rua, dentre outros espaços públicos, esta ainda é considerada insuficiente, visto que o preconceito se faz presente nas instituições públicas e privadas, como foi mencionado nesta pesquisa.

Em virtude dos fatos mencionados, políticas e leis de combate à violência de gênero, redes de apoio, capacitação para profissionais de saúde, que possibilitem acolher e cuidar das vítimas de violência, deveriam ser reforçadas, para melhorar a qualidade de vida destas pessoas.

Esta pesquisa teve como limites o fato de ter sido realizada em município de pequeno porte, onde muitas vezes os laços sociais são mais estreitos, permitindo que a disseminação de preconceitos se dissipe com maior rapidez, ao qual a prática do sigilo profissional seja um fator difícil de alcançar.

Apesar de ter sido realizada junto a uma associação bastante reconhecida, tal pesquisa não apresenta dados capazes de representar a região do curimatau como um todo. Sendo de primordial importância pesquisas futuras, visto que, visualiza-se a violência de gênero em diferentes tempos e espaços, como causadora de problemas psíquicos a esta referida população.

Também podemos apontar que o fato da pesquisa ter sido feita com pessoas biologicamente do sexo masculino e com afetividade homossexual, pode demonstrar um padrão semelhante no perfil e na violência sofrida. Além disto, as poucas publicações na saúde sobre a temática impedem um melhor estudo sobre o público LGBT.

Faz-se necessário ressaltar também a importância de investir em estudos sobre a violência de gênero e suas repercussões na vida das pessoas, bem como sensibilizar e capacitar

os profissionais de saúde para que os mesmos se sintam seguros e aptos a atuarem no combate à violência.

*REFERÊNCIAS*

ALBUQUERQUE, G. A., et al. Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde debate**, v. 40, n. 109, p. 100-111, 2016. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042016000200100&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042016000200100&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso: 07 Nov. 2017.

ANTÓNIO, R., et.al. BULLYING HOMOFÓBICO NO CONTEXTO ESCOLAR EM PORTUGAL. **PSICOLOGIA**, v.26, n.1, p.17-32, 2012. Disponível em:< [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-20492012000100002&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-20492012000100002&script=sci_abstract)>. Acesso em: 10 Nov. 2016.

ALENCAR, G. A; ALVES. D. A; PARENTE, J. S. Assistência a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais Vítimas de Violência nos Serviços de Saúde. **Sau. & Transf. Soc**, v.7, n.3, p.36-48, 2016. Disponível em:< <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/4201>>. Acesso em: 14 Dez. 2017.

BRASIL. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2012**. Disponível em:< <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 20 Fev. 2017.

BRASIL. M.S. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Secretaria Especial de Direitos Humanos Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, 2016. Disponível em:< <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>>. Acesso em: 20 Fev. 2017.

BRASIL. **IBGE: Instituto Brasileiro de geografia e Estatística**. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 02 Abr. 2017.

BRASIL. Violência patrimonial, **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos territórios- TJDF**. 2015. Disponível em:< <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/direito-facil/violencia-patrimonial>>. Acesso em: 07 Fev. 2017.

CÂMERA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações.

**Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n.2, p.179-91, 2013. Disponível em:< <http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais/article/viewFile/306/284>>. Acesso em: 04 Mar. 2017.

EFREM FILHO. R. E. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **Cadernos pagu**, v. 46, p.311-340, 2016. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332016000100311&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332016000100311&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso: 07 Nov. 2017.

FERREIRA, R. C. **Falta de respeito no ambiente de trabalho relacionada a população LGBT**. FACE, 2007. Disponível em:< [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3329/1/2007\\_RenataCostaFerreira.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3329/1/2007_RenataCostaFerreira.pdf)>. Acesso em: 09 Fev.2018.

GOMES, A. M; REIS, A. F; Kurashige, k. A violência e o preconceito: as formas da agressão contra a população lgbt em mato grosso do Sul. **Caderno espaço feminino**, v.26, n. 2, p. 1981-3082, 2013. Disponível em:< <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/24661>>. Acesso em:07 Nov. 2017.

GGB. **Relatório 2016: Assassinatos de LGBT no Brasil. 2016.** Disponível em:< <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

KAUARK, F. S; MANHÃES, F. C; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: Um guia Prático.** Via Litterarum, 2010. Disponível em:< [http://www.famescbji.edu.br/famescbji/biblioteca/livros\\_adm/Livro%20de%20Metodologia%20da%20Pesquisa%20-%202010.pdf](http://www.famescbji.edu.br/famescbji/biblioteca/livros_adm/Livro%20de%20Metodologia%20da%20Pesquisa%20-%202010.pdf)>. Acesso em: 04 Mar. 2017. TEXEIRA, E.

LUZ, R R. Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. **Bagoas**, 2011. Disponível em:< <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6544>>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

MENEZES, M. S; SILVA, J. P. Serviço Social e homofobia: a construção de um debate desafiador. **Artigo tema livre**, v. 20, n. 1, p. 122-29, 2017. Disponível: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802017000100122&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802017000100122&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso: 07 Nov. 2017.

MELLO, F. C. M., et.al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciênc. saúde colet**, v.22, n.9, 2017. Disponível em:< <https://www.scielo.org/article/csc/2017.v22n9/2939-2948/pt>> Acesso em: 09 Fev. 2018.

TEXEIRA, E. G. F. A; MELO, M. A. S. violência homofóbica - uma análise dos processos judiciais criminais em juazeiro do norte. **Revista interfaces**, v. 3, n.11, p. 67-69, 2016. Disponível em:< <http://interfaces.leaosampaio.edu.br/index.php/revista-interfaces/issue/view/13/showToc>>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

PAGLIARI, D; PIBER, L. D. VIOLÊNCIA DE GÊNERO: COM A PALAVRA OS TRANSGÊNEROS. **CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA**, v. 2, 2016. Disponível em:< <http://anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/view/539>>. Acesso em: 09 Nov. 2016.

QUEIROZ, T.D; ALVES, F. M. S. **Maria da Penha e as relações homoafetivas.** ICESP, 2014. Disponível em:< [http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais\\_simposio/arquivos\\_up/documentos/artigos/4fa4dac3065f522481abb856be69c8b5.pdf](http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/4fa4dac3065f522481abb856be69c8b5.pdf)>. Acesso em: 20 Fev. 2017.

SOUZA, M. H. T., et al. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde pública**, v.31, n.4, p.767-76, 2015. Disponível: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2015000400767&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2015000400767&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso: 07 Nov. 2017.

SILVA, E. L. B. **VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA E OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS LGBT.** Universidade Federal do Pará-UFPA, 2014. Disponível em:< <http://www.ppgsp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Elson.pdf>>. Acesso em: 10 Nov. 2016.

SOLIVA, T. B. Família e Homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. **Fazendo Gênero - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, ago, 2010. Disponível em:<

[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278084309\\_ARQUIVO\\_FAMILIAEH\\_OMOSSEXUALIDADE.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278084309_ARQUIVO_FAMILIAEH_OMOSSEXUALIDADE.pdf)>. Acesso em: 10 Nov. 2017.

SANTOS, C. J. G. **TIPOS DE PESQUISA**. Disponível em:<  
[http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/PROJETO\\_RH/OF.TIPOS\\_PESQUISA.PDF](http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/PROJETO_RH/OF.TIPOS_PESQUISA.PDF)>. Acesso em: 01 Mar. 2017  
LUZ, R.R; GONÇALVEZ, H. S. **Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível**. Conselho Regional de Psicologia, v. 1, 2011. Disponível em:< <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6544>>. Acesso em: 09 Nov. 2016.

SILVA, C. E. M; NUNES, C. A. L; RODRIGUES, A. C. S. **“Bullying homofóbico” no primeiro ciclo de ensino**. UEPB, 2016. Disponível em:<  
<http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/2863>>. Acesso em: 13 Dez. 2017.

SILVA, A. G. naturalização do bullying homofóbico em escolas públicas de ensino médio. **Eixo: Educação e Política Social**, 2017. Disponível em:<  
<http://periodicos.ufes.br/EINPS/article/view/16462>>. Acesso em: 12 Dez. 2017.

ZANELLO, V. Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. 2008. Disponível em:<  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST33/Valeska\\_Zanello\\_33.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST33/Valeska_Zanello_33.pdf)>. Acesso em: 09 Fev. 2018.





## APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

**“OS OLHOS VÊEM E O CORAÇÃO SENTE”:** Desvelando a violência contra LGBT

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Alynne Mendonça S. Nagashima

**PESQUISADORA AUTORA:** Adima da Cunha Cavalcanti

**FICHA INDIVIDUAL**

CONDINOME: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

CIDADE NATAL: \_\_\_\_\_ ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

RELIGIÃO: \_\_\_\_\_ OCUPAÇÃO: \_\_\_\_\_

ESTADO CIVIL: \_\_\_\_\_

HÁ QUANTO TEMPO FREQUENTA AS REUNIÕES DO GRUPO: \_\_\_\_\_

QUAL O PARENTESCO ENTRE VOCÊ E O AGRESSOR?

**ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

- Qual tipo de violência você sofreu? Poderia me contar como e onde foi?
- Você já denunciou alguma violência sofrida? Porque?
- Quais as repercussões que essa violência teve em sua vida?
- Já apresentou algum problema de saúde que você relacione à violência sofrida? Que tipo de problema?
- Você procurou algum serviço de saúde para relatar sobre a violência e receber cuidados? Porque?
- Que dificuldades você encontrou ou encontra no serviço de saúde para acolher as vítimas de violência?

- Que estratégias você utiliza para combater a violência?

## ANEXO A

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

## ESTUDO:

Você está sendo convidado/a para participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo é de suma importância, caso venha a desistir, não causará prejuízo a você. Esse documento será assinado em duas vias, ficando uma com o participante e outra com o pesquisador responsável.

Eu \_\_\_\_\_ portador da Cédula de identidade, RG \_\_\_\_\_, e inscrito no CPF/MF \_\_\_\_\_ nascido (a) em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo: Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como, todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) A participação neste projeto objetiva caracterizar a violência e suas repercussões na vida dos homossexuais, em caso de desistência não haverá problemas com o participante. Este estudo é de grande benefício visto que a realização de estudos dessa natureza ainda é insuficiente, sendo importante para disseminar novos resultados sobre a temática.
- II) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem-estar físico;
- III) Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- IV) Quanto aos riscos, há o de possível constrangimento durante a entrevista, mas o mesmo será amenizado ao máximo, frente aos esclarecimentos do entrevistador que me deixará à vontade para responder onde e como eu achar mais confortável;
- V) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa. Estou ciente que receberei uma via deste termo de consentimento

( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

IX) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, situado a Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, CEP: 58401 – 490, Campina Grande-PB, Tel: 2101 – 5545, E-mail: [cep@huac.ufcg.edu.br](mailto:cep@huac.ufcg.edu.br); e a uma Delegacia de minha preferência.

Cuité - PB, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Alynne Mendonça Saraiva Nagashima  
Pesquisadora Responsável

---

Adilma da Cunha Cavalcanti  
Pesquisadora Autora

**Telefone para contato e endereço profissional:**

Cel. 83-982209446

Endereço: Campus Universitário

Sítio Olho D'água da Bica

CEP: 58175-000, Cuité-PB.

ANEXO B

**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES  
CARNEIRO**

UFCG - HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO ALCIDES  
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA; HISTÓRIAS DE HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FAMILIARES

**Pesquisador:** Alyne Mendonça Saraiva

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 62646716.8.0000.5182

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.912.740

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de pesquisa qualitativa do tipo descritiva, exploratória, respaldada pelo método de História Oral tem por objetivo compreender a vivência de homossexuais na dinâmica familiar e suas redes de apoio. O estudo pretende contribuir para a ampliação dos conhecimentos acerca de temática e facilitará a compreensão no que se refere às diversas formas de orientações sexuais e identidade de gênero. Serão entrevistados oito indivíduos vinculados ao grupo de apoio: "GLOS - Grupo pela Livre Orientação Sexual", situado na Cidade de Cuité, Curimatã Paraíba.

**Objetivo da Pesquisa:**

Geral

- Compreender a vivência de homossexuais na dinâmica familiar e suas redes de apoio

Específicos

- Conhecer como a família influencia na vivência da homossexualidade;
- Averiguar as dificuldades vivenciadas pelas pessoas homossexuais nas relações familiares;
- Identificar a rede de apoio social e estratégias utilizadas por homossexuais para enfrentamento

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n  
Bairro: São José CEP: 58.107-670  
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE  
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-9523 E-mail: cep@nuac.ufcg.edu.br

Continuação do Parecer: 1.912.740

das dificuldades,

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa apresenta riscos controláveis, como o de revelação das identidades dos participantes ou, ainda que não intencional, de constrangimento ou desconforto aos envolvidos, sobre os quais as autoras demonstram conhecimento. Desta forma, a relação risco/benefício se demonstra favorável à condução da pesquisa. Os benefícios declarados são: trazer visibilidade a temática homossexualidade, bem como conhecer o universo da pessoa homossexual e suas relações familiares e sociais.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A relevância do estudo encontra-se no levantamento de dados que irão auxiliar na formação de profissionais de enfermagem livres de preconceitos e que possuam conhecimento suficiente para atuarem diante de qualquer situação que envolva questões homossexuais.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos solicitados foram apresentados.

**Recomendações:**

Recomenda-se uma atenta revisão da língua portuguesa.

Reforça-se a necessidade de anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil quando da conclusão da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O trabalho atende as exigências da resolução 466/96.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_808191.pdf	03/12/2016 12:33:13		Aceito
Outros	autorizacao_grupo.docx	03/12/2016 12:32:52	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	declaracao_divulgacao.jpg	03/12/2016 12:32:29	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n

Bairro: São José CEP: 58.107-670

UF: PB Município: CAMPINA GRANDE

Telefons: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO ALCIDES  
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.912.740

Declaração de Pesquisadores	declaracao_compromisso.jpg	03/12/2016 12:31:52	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.docx	14/11/2016 14:35:03	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Qualquer_maneira_de_amor_vale_a_pena.docx	03/11/2016 13:02:11	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	Entrevista_semi_estruturada.docx	03/11/2016 12:58:16	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	03/11/2016 12:58:27	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINA GRANDE, 08 de Fevereiro de 2017

---

Assinado por:  
Januse Nogueira de Carvalho  
(Coordenador)

Endereço: Rua Dr. Carlos Chagas, s/n  
Bairro: São José CEP: 58.107-670  
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE  
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: csp@huac.ufcg.edu.br